

Contemporaneidade, orientação profissional, psicanálise: articulação impossível?

*Luciana Albanese Valore**

Resumo

As transformações no mundo do trabalho têm colocado desafios para o campo da orientação profissional, exigindo enfoques teórico-metodológicos que contemplem as novas demandas sociolaborais. Diante dos imperativos da sociedade de curto prazo em que vivemos, abordagens tradicionalmente utilizadas - como é o caso da psicanálise no contexto brasileiro - têm sido questionadas. O presente artigo debruça-se sobre esta questão, objetivando identificar no modelo clínico de base psicanalítica, aqui concebido em suas possíveis aproximações com a análise institucional do discurso, contribuições para a orientação profissional contemporânea. Dentre elas, destacam-se algumas proposições sobre a constituição da subjetividade e suas implicações na problemática vocacional, bem como a análise dos efeitos da atual configuração social no processo de transição para a vida adulta. Do ponto de vista da intervenção, a aposta é que a escuta psicanalítica na orientação profissional, faça-se valer - ainda nos dias de hoje e em contextos outros que não apenas o do consultório - como possibilidade de desconstrução/reconstrução das imagens de si e dos discursos sociais instituídos. Contribuindo, deste modo, para a mudança da posição subjetiva, para a superação da condição de governabilidade pela de autogoverno.

Palavras chave: Psicanálise - Orientação profissional - Contemporaneidade - Análise do discurso - Autogoverno

Contemporaneidad, orientación profesional, psicoanálisis: articulación imposible?

Resumen

Los cambios en el mundo del trabajo han planteado desafíos en el campo de la orientación profesional, los cuales requieren enfoques teóricos y metodológicos que aborden las nuevas demandas socio-ocupacionales. Frente a los imperativos de la sociedad a corto plazo en que vivimos, los enfoques tradicionalmente usados - como es el caso del psicoanálisis en el contexto brasileño - han sido cuestionados. Este artículo se centra en este tema a fin de identificar en el modelo clínico de base psicoanalítica, concebido en sus posibles aproximaciones con el análisis institucional del discurso, contribuciones para la orientación profesional contemporánea. Entre ellas, podemos destacar algunas proposiciones acerca de la constitución de la subjetividad y sus implicaciones en la problemática vocacional, así como el análisis de los efectos de la configuración social actual en la transición a la vida adulta. Desde la perspectiva de la intervención, la apuesta es que la escucha psicoanalítica en la orientación profesional sea válida - aún hoy en día y en contextos otros que no sean sólo el consultorio - como posibilidad de desconstrucción / reconstrucción de las imágenes de sí mismos y de los discursos sociales instituidos. Contribuyendo, de este modo, a cambiar la posición subjetiva en la superación de la condición de gobernabilidad por la condición de autogobierno.

Palabras clave: Psicoanálisis - Orientación profesional - Contemporánea - Análisis de discurso: Autogobierno

Contemporaneity, vocational guidance, psychoanalysis: an impossible articulation?

Abstract

The changes in the working world have challenged the field of vocational guidance, requiring theoretical and methodological approaches that address the new socio-occupational demands. Given the imperatives of short term society we live in, traditionally used perspectives - such as in the case of psychoanalysis in the Brazilian context - have been questioned. This article focuses on this issue in order to identify within the vocational guidance psychoanalytical model - in here conceived as an approach to institutional discourse analysis - its possible contributions.

Among them, we highlight some propositions about the constitution of subjectivity and its implications for the vocational problems as well as the analysis of the current social configuration effects in the adult life transition. From the standpoint of the intervention, the bet is that the psychoanalytic listening is valid even today, and in contexts other than clinical practice - as a possibility to deconstruct/ reconstruct the self-images and the instituted social discourses. Thus, contributing to change the subjective position overcoming the governability condition towards the one of the self-government.

Keywords: Psychoanalysis - Vocational guidance - Contemporaneity - Discourse analysis - Self-Government

* Departamento de Psicologia. Universidade Federal do Paraná, Brasil. E mail: lu5valore@gmail.com

Introdução

As transformações nos cenários profissionais contemporâneos têm colocado novos desafios para o campo da Orientação Profissional (OP). Fundado no discurso psicológico e em resposta às exigências laborais do início do século XX (Rascovan, 2005), na atualidade, dada a complexidade implicada na problemática vocacional, tem demandado enfoques interdisciplinares, revisão de conceitos, proposição de metodologias e ampliação de sua clientela. Efetivamente, muitos têm sido os avanços consolidados no que se refere às ações desenvolvidas, à heterogeneidade da população atendida (não mais restrita aos jovens de nível socioeconômico elevado, aspirantes a um curso superior) e à proposição de novos referenciais teórico-metodológicos. Quanto a estes, com base em Ribeiro (2011), destacamos: 1) em contexto internacional: os estudos do *Life Design International Research Group* (Grupo internacional de pesquisa sobre a construção da vida) constituído por estudiosos europeus e norte-americanos que se dedicaram à construção de um paradigma de OP alinhado às configurações sociolaborais contemporâneas (Savickas, M. L.; Nota, L.; Rossier, J.; Dauwalder, J.; Duarte, M. E.; Guichard, J.; Soresi, S.; Esbroeck, R.; & van Vianen, A. E. M., 2010) 2) em contexto brasileiro: a proposta socioconstrucionista (Ribeiro, 2014) e o enfoque clínico-social ativo fundamentado na teoria winnicottiana e proposto por Lehman (Ribeiro & Lehman, 2011).

O presente artigo compartilha a preocupação relativa à necessidade de enfoques que contemplem as configurações sociais atuais; em especial, no que se referem às relações *de* e *com* o trabalho. Entretanto, propõe colocar em discussão uma abordagem que, em contexto brasileiro, pode ser considerada tradicional – o modelo clínico de base psicanalítica. Tal retomada, porém, não é sem propósito, uma vez que visa a refletir sobre suas possíveis contribuições para a orientação profissional contemporânea, buscando aproximá-la de outro referencial: o da Análise Institucional do Discurso formulada pela psicanalista Marlene Guirado (2006, 2010).

A proposição da psicanálise como teoria a embasar a prática da Orientação Profissional (OP), foi motivada, dentre outros fatores, pelo desejo de ampliar os horizontes do modelo psicométrico, predominante nas primeiras décadas do século XX. Como observam Lehman, Silva, Ribeiro, & Uvaldo (2011), tal incorporação originou o assim denominado enfoque psicodinâmico que “busca compreender e explicar o comportamento vocacional pela dinâmica da personalidade, principalmente em seus aspectos inconscientes” (2011, p.111) e pode ser dividido em duas vertentes teóricas: a) o enfoque da satisfação das necessidades e b) o enfoque psicanalítico. Neste último pode ser situado o modelo clínico proposto por Rodolfo Bohoslavsky (1983, 1991) que, por sua marcada influência dentre os orientadores brasileiros (especialmente os que iniciaram sua atuação nos anos 70 e 80), foi aqui adotado como referência.

Não há dúvida de que os avanços trazidos pela formulação deste modelo, na década de 70, foram inegáveis para a OP, subsidiando a compreensão da problemática vocacional, contextualizando-a numa realidade ocupacional que, desde então, já assinalava a necessidade de superação do pressuposto do “homem certo para o lugar certo”, valorizando nossa tarefa e, ao mesmo tempo, evidenciando sua complexidade. De lá pra cá, todavia, as mudanças no cenário profissional e, concomitantemente, na própria constituição das subjetividades obrigam-nos a enfrentar alguns questionamentos. Num contexto a exigir respostas rápidas, mapeamento e desenvolvimento de competências, como um modo de lidar com as incertezas da sociedade de curto prazo em que vivemos; num mercado de trabalho competitivo e cada vez mais excludente, em que urge criar novos modelos de orientação a fim de atender uma clientela cada vez maior e mais heterogênea e com vistas a conferir maior visibilidade e eficácia aos seus resultados; caberia insistir numa perspectiva psicanalítica de orientação (por vezes criticada por sua morosidade, pouca precisão e “excesso” de subjetividade?)

Abordar as contribuições da psicanálise para a OP contemporânea constitui, pois, um desafio. Desafio este, diga-se de passagem, ainda maior a se levar em conta certa polêmica no interior da própria comunidade psicanalítica: o da legitimidade da aplicação da psicanálise em contextos outros que não o da análise em consultório. Como observa Mezan, tal iniciativa nem sempre é bem vista, “os próprios analistas às vezes se sentem algo envergonhados, pois consideram que o material diretamente clínico é mais nobre” (2002, p. 319). A julgar por aí, parece não haver outro lugar para aquele que se propõe a fazer a psicanálise aplicada a não ser o de “herege” na comunidade psicanalítica ou, talvez (a considerar a escassez de referências atuais à abordagem psicanalítica em OP, tanto em eventos, como na literatura), o de ultrapassado na comunidade da OP! O vislumbre daquilo que pode ser considerado como da ordem de uma impossibilidade não nos desencoraja, porém, a pensar em certas possibilidades naquilo que da psicanálise pode se apresentar como contribuição para a OP na atualidade.

Antes de mais nada, porém, é necessário operar um recorte para dizer de que psicanálise aqui se trata. Assim, apesar de acompanhar algumas formulações feitas por Bohoslavsky (1991), por formação, aproximamo-nos mais da teoria freudiana e da escola francesa de psicanálise do que da teoria kleiniana, o que nos leva a uma identificação com a abordagem proposta por Torres (1998, 2001, 2002) e permite ampliar a discussão para outra perspectiva, com a qual efetivamente atuamos hoje em dia: a supramencionada Análise Institucional do Discurso. Esta, embora tenha como uma de suas matrizes o pensamento freudiano, convida a repensar a clínica psicanalítica, propondo-a, fundamentalmente, como análise de discursos. Discursos estes sempre relacionados a uma formação discursiva própria de uma época e organização social.

¹.Valemo-nos também das contribuições de

alguns autores que têm se dedicado a refletir sobre a contemporaneidade pela ótica da psicanálise - como Birman (2000, 2006, 2012), Calligaris (2000), Jerusalinsky (2000), dentre outros -, para a análise das transformações no mundo do trabalho e nos modos de viver, por acreditar que possam nos auxiliar, como uma leitura possível, a compreender de que modo tais transformações têm afetado o processo de transição para a vida adulta e a construção dos projetos de vida. E, ao considerar, numa extensão do termo e do sentido, que atualmente estamos todos vivendo uma “crise de identidade”, supomos que tal reflexão não se restrinja apenas à OP com adolescentes. Como bem observa Lehman, ao discorrer sobre o desenvolvimento da identidade no cenário do capitalismo globalizado, “novas combinações estão sendo feitas constantemente na sociedade pós-industrial, tornando as representações frágeis e tirando das pessoas uma perspectiva de totalidade” (2010, p.22).

Assim, numa perspectiva que não desvincula teoria e prática, objetiva-se propor três principais contribuições para a orientação profissional contemporânea, sustentada no referencial psicanalítico: 1) algumas de suas concepções sobre a constituição da subjetividade e suas implicações na problemática vocacional; 2) a reflexão sobre os efeitos operados pela nova configuração social na construção de projetos de vida; e, tendo em vista as contribuições anteriores, 3) a organização de alguns nortes para a intervenção.

Espera-se, pois, que esta reflexão possa contribuir para o que alguns autores denominam de “reinvenção contínua da psicanálise”, quando aplicada em condições históricas e contextos outros que não os de sua origem (Mezan, 2002; Di Caccia, 2007; Matet & Miller, 2007), bem como para sua legitimação como um modo de leitura possível para as questões vocacionais na contemporaneidade.

A subjetividade na problemática vocacional: ampliando o foco

O reconhecimento de que a escolha de uma profissão se configura numa dimensão mais ampla do que a do mapeamento de interesses e aptidões (posto que abarca uma série de mecanismos e conflitos psíquicos), por si só, parece-nos uma grande contribuição da teoria psicanalítica, e não apenas pela consideração ao que de inconsciente possa haver nesses aspectos. Postular, pois, algo da ordem de uma *problemática* vocacional (Bohoslavsky, 1991) exige ampliar o foco de nossa atenção: agora não somente para a escolha em si, mas também para as condições de produção dessa escolha, e nestas a subjetividade daquele que escolhe e a singularidade com que o faz. E isto, certamente, tem implicações para a prática da OP. Dentre elas, a de conhecer o modo particular com que o sujeito se empreende no processo de escolha, os recursos psíquicos dos quais lança mão, os meandros e a reconstrução daquilo que enuncia como sendo sua história, os personagens que nela destaca, os lugares

ocupados, e os embates produzidos nas relações estabelecidas vida adentro, dentre outros elementos. Estamos aqui a falar de vínculos, relação objetal, identificações, defesas, ansiedades, conflitos, ideal do eu, reparação, sublimação... de conceitos teóricos, enfim, que fundamentam a teorização psicanalítica sobre a dinâmica do aparelho psíquico. Como qualquer outra perspectiva teórica adotada na OP, a psicanalítica sustenta-se em determinadas concepções: de sujeito, dos processos psíquicos implicados na escolha de uma profissão, dos sentidos atribuídos ao trabalho e do lugar por ele ocupado na constituição de sua subjetividade e em sua socialização e, finalmente, do que possa constituir um trabalho de orientação.

Sobre tais concepções não será necessário alongar-nos, uma vez que já foram clara e exaustivamente abordadas, quer pelo fundador da estratégia clínica (Bohoslavsky; 1983, 1991), quer por estudiosos como Levenfus (1997, 2010), Lehman et al. (2011) e Torres (1998, 2001, 2002). Estes - ora mais próximos, ora um pouco mais distantes das formulações do psicanalista argentino - contribuíram significativamente para a difusão da modalidade clínica e para a formação de orientadores profissionais em nosso país. Isto considerado, restringimo-nos a legitimar a importância do conhecimento destas concepções na prática da OP, entendendo que, por um lado, alguns psicanalistas vêm reconhecendo mudanças nos modos de inscrição das subjetividades e na formação dos sintomas na contemporaneidade, por outro, não parece incabível preservar as formulações freudianas acerca da dinâmica inconsciente que rege as diversas escolhas feitas ao longo da vida estendendo-as ao âmbito específico da escolha profissional (em especial no que se refere aos conceitos de “ideal do eu”, “castração” e “identificação”). Evidentemente, há que se considerar que o modo como tais mecanismos psíquicos se constituem não é estanque e atemporal; sendo necessário entendê-los, portanto, em consonância com os mecanismos e imperativos sociais de uma dada época.

De Freud (1974), ainda, resgatamos o lugar ocupado pelo trabalho na constituição da subjetividade e na socialização. Em que pese a discussão sobre possíveis transformações nos sentidos atribuídos ao trabalho na atualidade, sobretudo no que se refere ao seu papel na construção da identidade (Bendassolli, 2006; Dias, 2009), a partir de pesquisas e intervenções com jovens oriundos de diferentes segmentos sociais, pode-se acompanhar a proposição de Coutinho, Krawulski, & Soares (2007) de que o trabalho continua sendo um importante organizador de modos de subjetivação e da vida em coletividade. Assim, vale considerar o postulado freudiano de que

O trabalho perfaria uma relação de investimento e satisfação atravessada pela civilização, possibilitando a superação do singular no universal pelo processo de sublimação (engate da paixão pulsional singular aos apelos da coletividade pela inscrição no mundo por meio de uma obra) (Lehman et al. 2011, p. 112).

A citação acima resgata outro conceito a ser considerado na problemática vocacional -o de sublimação- marcando uma diferença em relação a Bohoslavsky que identifica no mecanismo de reparação (formulado pela teoria kleiniana) o engenho instituinte da identidade vocacional. Como Torres (2001), pensamos ser mais produtivo operar com o conceito de sublimação, dado que converge com uma concepção de subjetividade na qual o papel da cultura em sua constituição/regulação pode ser melhor evidenciado.

Efetivamente, outra implicação de se atentar para a questão da subjetividade na problemática vocacional diz respeito à proposição freudiana de que aquela se produz, sempre, numa relação: é pelo olhar do outro (ou pelo modo em que imagina ser visto por esse outro) e pela interlocução com este outro que um sujeito se constitui como tal. Deste modo, na modalidade clínica da OP, não há como deixar de levar em conta a presença desse outro, aí incluído o orientador, cuja subjetividade igualmente impulsiona o processo. E isto, como bem o aponta Torres (2001), caracteriza uma especificidade da psicanálise que, ao ser comparada ao método experimental, poderia ser considerada menos rigorosa ou “verdadeira” por sua “falta de objetividade”. Adentrar nesta discussão foge aos propósitos deste texto, limitamo-nos, pois, a observar que isto não deveria constituir um problema na legitimação da psicanálise como abordagem teórica a referenciar a prática da OP. Com Foucault (2000), entendemos que as noções de falso e verdadeiro estão sempre circunscritas a um regime de verdade, instituído numa formação discursiva; ou seja, uma dada verdade é sempre relativa ao contexto de sua produção. Feita a observação, outro ponto a destacar é que a assunção da subjetividade do orientador no processo de orientação instaura a necessidade de se conferir especial atenção à sua identidade profissional e esta constitui uma outra valiosa contribuição da estratégia clínica, na medida em que, mais uma vez, amplia o foco da problemática vocacional, nela incluindo um outro elemento: o modo como o orientador lida com seus conflitos vocacionais, o conhecimento que deles tem e o quanto se dispõe a elaborá-los de modo a garantir, em seus atendimentos, a “dissociação instrumental” (Bohoslavsky, 1991).

A fim de encerrar este item, cabe fazer uma ressalva quanto ao modo com que aqui se entende a noção de subjetividade valendo-nos do referencial da Análise Institucional do Discurso (AID). Tal perspectiva, conquanto dialogue com as ideias de Freud e, em certo sentido, sugira aproximações com a psicanálise lacaniana, tem como interlocutor privilegiado Michel Foucault e disto resultam algumas distinções importantes. Na impossibilidade de aqui abordá-las², limitamo-nos a assinalar algumas ressonâncias, como por exemplo, o reconhecimento da presença do outro e de uma instância imaginária na constituição do sujeito (o que não deixa de lembrar a noção de estágio do espelho formulada por Lacan) e a assunção de sua subordinação à Ordem simbólica; i.é., ao universo da linguagem (o que permite pensar,

também com Lacan, o sujeito como efeito de discursos). Guardadas as devidas diferenças entre os pensadores, com Guirado e Lacan entende-se a subjetividade menos como conteúdo interno, substância, e mais como posição, lugar ocupado no jogo interlocutivo. Disto resulta a ênfase dada ao discurso e à sua análise no trabalho de OP: mais do que interpretar conteúdos latentes, a AID, como uma analítica da subjetividade, atenta à singularidade nos modos de dizer as identificações, os ideais, os conflitos, as fantasias quanto à profissão, etc. Atenta, igualmente, às condições de produção do discurso e estas nada mais são do que... outros discursos, em relação aos quais aquele que fala se assujeita, resiste, repete, subverte, cria e, nesse movimento contínuo, marca sua posição de sujeito no/do discurso. Isto considerado, pode-se passar a uma breve análise daquilo que pode ser reconhecido como sendo uma outra contribuição da psicanálise: a leitura dos discursos que dão suporte à transição para a vida adulta na contemporaneidade e que, como tal, regulam os discursos de nossos sujeitos em busca de orientação.

Subjetividade, contemporaneidade, projetos de vida: novos arranjos e desafios

A leitura psicanalítica da contemporaneidade acompanha as reflexões desenvolvidas em outros campos do saber, como a sociologia e a filosofia, reconhecendo o determinismo das lógicas do mercado nos novos modos de viver e conviver e confirmando a descontinuidade como característica dos projetos de vida e da própria identidade. Segundo tais análises, a necessidade de estabelecer metas a curto prazo (Sennett, 2004), de apresentar-se como alguém flexível, continuamente disposto a correr riscos, associada aos apelos do hiperconsumo (Baudrillard, 2007) e à “liquidez” dos ideais norteadores do viver em sociedade (Bauman, 2001, 2009), instituem a visibilidade a qualquer preço e o ideal da eterna juventude como imperativos poderosos a manter a cultura do espetáculo e do narcisismo em que vivemos (Debord, 1997; Lasch, 1983). E, o que é mais preocupante: nesta nova cena subjetiva, a condição jovem/adolescente, passa a ocupar o lugar de ideal no imaginário dos adultos. Nas palavras de Calligaris: “Os adolescentes pedem reconhecimento e encontram no âmagos dos adultos um espelho para se contemplar. Pedem uma palavra para crescer e ganham um olhar que admira justamente o casulo que eles queriam deixar” (2000, p.74). Deste modo, ao diluir o conflito de gerações (Birman, 2000, 2006; Jerusalinsky, 2000; Paladino, 2005), essa subversão de lugares dificulta, sobremaneira, a transição para a vida adulta e instaura aquilo que os psicanalistas têm denominado de sentimento de desamparo, dada a disputa do lugar de jovem entre pais e filhos, professores e alunos...

Não obstante na teorização psicanalítica o desamparo seja pensado como algo constitutivo da condição humana, nos dias de hoje, segundo os estudiosos dessa abordagem, ele seria potencializado pela escassez de referenciais, enfraquecimento da

função paterna, precariedade de ideais, apelo excessivo ao consumo e ilusão de perfeição ou completude próprios do contexto atual (Zorzan & Chagas, 2014). Tais condições contribuiriam para a intolerância frente à frustração e para a incapacidade de criar, limitando, consideravelmente, a possibilidade de simbolização da falta e a capacidade de sublimação (Palmeira, Mayerhoffer, Mariz, & Cardoso, 2006). Isto tudo - associado às precárias condições de inserção no mercado de trabalho, ao aumento da criminalidade e da desconfiança em relação ao semelhante, ao esgotamento dos recursos naturais - vem afetando, significativamente, a construção de projetos de vida.

Diante deste cenário, pouco promissor, cabe considerar os questionamentos feitos por Valore:

Numa sociedade imediatista, competitiva, violenta, que não valoriza as tradições tampouco oferta chances efetivas de inserção no mundo adulto, uma “sociedade da decepção” (Lipovetsky, 2007) - que produz passividade e apatia pela satisfação imediata de todos os desejos -, qual seria a senha para entrar no mundo adulto e que vantagens esse mundo teria a oferecer? Como pensar em projetos de vida, calcados na continuidade e no exercício de uma profissão e num si pensados para “toda a vida”, quando os projetos, assim como as pessoas, tornam-se rapidamente obsoletos e descartáveis? (2012, p.13)

De fato, há que se reconhecer que, frente ao imperativo da satisfação “aqui e agora”, o trabalho de sublimação e a aceitação da renúncia tornam-se um tanto mais difíceis. Paralelamente, o desfavorecimento da criação e da preservação de vínculos - imprescindíveis nas relações de e com o trabalho - o aumento da intolerância e a crescente imprevisibilidade acrescentam outras dificuldades. Que possibilidades se apresentam, então, à orientação profissional numa sociedade de curto prazo?

Considerar a leitura psicanalítica da contemporaneidade como uma das contribuições da psicanálise para a OP deriva de uma compreensão do psiquismo que, como já dito, longe de entendê-lo como algo da ordem exclusiva de uma interioridade individual, evoca a incidência fundamental da cultura em sua construção. Nesse sentido, entendemos que tal leitura opera como “pano de fundo”, como uma espécie de diagnóstico de orientabilidade, não propriamente do orientando especificamente atendido, mas sim da situação da escolha profissional e daquele que escolhe nos dias atuais. E isto na medida em que possibilita: a) evidenciar as forças em jogo no processo de transição para a vida adulta (ou no de permanência nesta, no caso de adultos); b) conhecer os modos de vinculação e as expectativas criadas (em relação à carreira, ao futuro e ao processo de orientação); c) identificar os impasses aí produzidos - o mal estar gerado na civilização atual - e, principalmente d) construir alternativas para enfrentá-los. Atuar numa perspectiva clínica psicanalítica pode

se constituir como uma dessas alternativas. Vejamos porquê.

Contemporaneidade, orientação profissional, psicanálise: possíveis articulações e nortes para a intervenção

Dado o novo contexto social, e independentemente do modelo teórico adotado pelos orientadores profissionais, parece haver uma convergência em relação ao objetivo de sua tarefa: preparar as pessoas para lidar com situações em constante transformação e, até certo ponto, imprevisíveis (Duarte, 2011). E isto leva a considerar a necessidade de articular o desenvolvimento de carreira ao planejamento da vida como um todo (Jenschke, 2003). Guardadas as especificidades, não nos parece incorreto dizer que, a seu modo, a OP referenciada na psicanálise (na perspectiva que dela temos, evidentemente) acompanha tal proposição, aproximando-se, inclusive, de propostas atuais de orientação³.

A pertinência do modelo clínico de OP nos dias de hoje encontra respaldo na maneira abrangente com que Bohoslavsky (1991) o configura: como uma *estratégia de abordagem do objeto de estudo* que prioriza a singularidade (embora não se restrinja ao âmbito individual e à atuação em consultório) e que, conquanto possa produzir efeitos terapêuticos, visa à psicoprofilaxia. Ao voltar-se à singularidade - ao modo particular com que o sujeito faz escolhas e com que se apropria/atribui-lhe sentidos, dos/aos diferentes discursos em que as imagens de si, do mundo, do trabalho, do futuro e da vida vão se constituindo, nos laços que nela cria e recria - a abordagem psicanalítica em OP pode auxiliar a articular a construção da identidade profissional e da carreira à construção da vida como um todo. E, concebendo tais construções como processos intermináveis, sujeitos a contínuas reformulações -bem ao gosto dos modos de viver contemporâneos- , pode-se afirmar que o modelo clínico contribua significativamente para o exercício de aprender a fazer escolhas e de tomar decisões, bem como para a possibilidade de revê-las, muda-las ou redimensiona-las, elaborando os lutos eventualmente aí implicados. Ao mesmo tempo, permite igualmente - a quem faz essas escolhas - rever-se, redimensionar-se, reinventar-se, reorientar-se enfim. E isto, em que pese a sobredeterminação da escolha (Torres, 2001) e a imprevisibilidade dos novos tempos, não nos parece anular a possibilidade de um certo planejamento: da carreira, da vida, de si. Nesse enfoque, todavia, embora também se trabalhe no sentido de auxiliar a reconhecer (ou vir a desenvolver) competências, se o que está em jogo, desde Bohoslavsky, não é tanto o que se quer fazer, mas o “quem se quer ser”, a ênfase irá recair sobre esse “quem”, ou as imagens de si - no presente e no futuro - nem sempre conhecidas pelo sujeito... Tomar consciência delas, ainda que não em sua totalidade, configura, pois, um produtivo começo.

Do ponto de vista da intervenção, então, nossa

aposta é de que a escuta psicanalítica na orientação profissional (e em contextos outros que não apenas o do consultório, do atendimento individual e de um público economicamente privilegiado cuja carreira passará, inevitavelmente, por um curso superior em uma prestigiada universidade) ainda se faça valer no movimento contínuo de desconstrução/reconstrução das imagens de si, de forma a conhecer, questionar – e, eventualmente, transformar – a relação do sujeito consigo mesmo, com seus atos e suas escolhas naquilo que se lhe apresenta como desconhecido: de si, do outro e do mundo. Assim, talvez, ao saber lidar com a imprevisibilidade que o habita e com a condição de castração que o funda como sujeito, através dos exercícios constantes de auto-observação, assunção do seu desejo e elaboração do luto diante de limites inevitáveis, possa aprender algo sobre a imprevisibilidade dos novos tempos e, com isto, criar estratégias para o seu enfrentamento (talvez, pensar em enfrentamento, no lugar de planejamento, seja mais condizente com os novos cenários...). Em outras palavras, mesmo reconhecendo a tendência à repetição de comportamentos e a resistência à mudança, apostamos na pulsão de vida, na capacidade humana de criação e superação ou naquilo que a supramencionada castração lhe abre de horizontes para que possa vir a se constituir como sujeito desejante.

Igualmente produtivo, parece-nos atentar à condição de orientabilidade, (aspecto apontado por Bohoslavsky, 1991), o que exige investigar: a) aspectos concernentes à dinâmica psíquica, à situação de escolha e ao projeto de futuro daquele que nos procura; b) a maneira como a demanda é apresentada – e, assim, por exemplo, poder diferenciar entre a necessidade de um trabalho de OP ou a de uma psicoterapia; c) as especificidades de cada público atendido e de seu contexto (em suas características, potencialidades e necessidades); d) o modo com que se processa a transferência na relação orientador-orientando: os lugares nela atribuídos, reeditados e reorganizados no momento em questão, as fantasias criadas quanto à orientação e o tanto de investimento libidinal aí colocado.

Poder esboçar um quadro da condição de orientabilidade possibilita o planejamento de uma OP e, com isto, permite delinear um modelo de trabalho que, mesmo atento às particularidades da clientela atendida, não impossibilita propor certa regularidade em suas etapas e em seu foco. Quanto a este último, consideramos o conhecimento de si e da realidade ocupacional os eixos em torno dos quais a OP se organiza, sempre tendo em vista que, no modelo clínico, não se trata tanto de fornecer informações, mas de investigar – e questionar, quando for o caso – como estas são “processadas” subjetivamente, mediante fantasias, idealizações, distorções, atribuição de sentidos enfim.

Evidentemente, há que se considerar que utilizar a psicanálise na OP, como estratégia que se aproxima do atendimento clínico focal (tal como o postula Levenfus, 2010), não deixa de acenar com

limites, comparativamente a um processo de análise de tempo indeterminado ou à OP em outras abordagens. E, se isto exige operar alguns ajustes em relação aos procedimentos (como o encurtamento do tempo do atendimento, a priorização de um foco e uma maior diretividade do orientador, o redimensionamento da transferência de modo a torná-la mais prospectiva do que retrospectiva, a renúncia ao divã e, em certa medida, ao uso da associação livre), nem por isso se estará fazendo *menos* psicanálise: para nós, o que a define como tal é o lugar ocupado pelo orientador na relação com seu orientando e a ética que o sustenta (a esse lugar).

Tal ética, também afirmada por Bohoslavsky (1991), centra-se no pressuposto freudiano (1974) de que, pela via do amor e do trabalho, cada um deverá encontrar o seu modo de salvar-se – ou seja, de lidar com o mal-estar da cultura e, no caso específico da OP, com as implicações de suas escolhas – não sendo alguém de fora a dizer-lhe o que fazer. Além disto, convém lembrar da advertência de Osório (1996) quando, ao tratar do futuro da psicanálise, propõe o exercício constante da crítica em relação aos saberes produzidos e reproduzidos na prática cotidiana. Há que se estar alerta, pois, aos perigos oriundos da “vontade de verdade” (Foucault, 1999), sem incorrer no risco de creditar à psicanálise a condição de saber único, absoluto, que prescinde das demais produções do saber científico, tampouco cair na ilusão de que a teoria “tudo explica”, basta saber enquadrar o caso... Por fim, há que se atentar ao fato de que, cada vez mais, a complexidade implicada na questão da orientação e construção da carreira, demanda a superação de enfoques únicos mediante a adoção de acompanhamentos transdisciplinares. Eis um desafio colocado aos orientadores contemporâneos e não apenas aos que aderem ao modelo clínico.

Tendo isso em perspectiva e o pressuposto de que a construção da subjetividade se dá nas relações discursivas (Guirado, 2010), na OP de base psicanalítica aqui proposta, como já dito, no lugar da interpretação, privilegia-se a análise dos discursos, entendendo que aquilo que o orientando nos diz encontra-se atravessado por outros discursos (discursos familiares e sociais sobre trabalho, vida adulta, sucesso, educação, adolescência, etc.). Assim, convém prestar atenção, sobretudo, ao modo como se dá sua enunciação e à posição que assume frente ao seu próprio dizer e ao que dele dizem os demais discursos. Tal opção encontra ressonâncias na proposição de Muller (2003), segundo a qual, buscar uma carreira, ao pressupor a busca de um sentido para a vida, consiste em:

Encontrar-se a si mesmo, abrir espaços inéditos de reflexão acerca de si, do sentido do vivido, do sentido pelo que se viverá. E fazê-lo desde si e do seu viver, desde aquilo que denominamos subjetividade, como centro da enunciação, de consciência de si, de lugar de opções, construção e realização de projetos. O sujeito é capaz de uma

intencionalidade e de uma narrativa, ainda que continuamente guarde opacidades, desconhecimentos acerca do seu ser, de seu querer, seus motivos, suas potencialidades e seu futuro (p.36).

Por questão de espaço não serão apresentados aqui os procedimentos que organizam uma análise institucional do discurso. Limitamo-nos, pois, a observar que a ênfase dada à intervenção psicanalítica como análise de discursos requer que algumas perguntas sejam feitas durante o processo contínuo e articulado de investigação-intervenção. Assim, pode ser oportuno questionar que ideias e ideais sustentam a escolha e o projeto de vida (e em que medida são percebidos, ou não, como estando articulados aos discursos sociais instituídos), que percepções se formulam em relação à história familiar e ao lugar nela ocupado, quais são as aspirações e temores em relação ao futuro, que lugar é atribuído a si nesse futuro (por ele e pelos outros), que recursos são imaginados para a concretização do projeto de vida, que justificativas são apresentadas para as escolhas e renúncias, que objetivos se apresentam em relação à OP, e assim por diante.

Tais questionamentos podem ser feitos ao longo das diferentes etapas do processo, nas discussões em grupo, na situação de entrevista e no uso de diferentes técnicas individuais ou grupais que assim o favoreçam. E isto, convém lembrar, também na OP clínica feita em escolas. Ademais, nesse contexto, a leitura psicanalítica pode ser de grande ajuda na realização do diagnóstico da cultura institucional, oferecendo recursos para a investigação das representações vocacionais dos docentes, de suas expectativas quanto à orientação de seus alunos, do papel atribuído à escola na construção do projeto de vida, etc.

Conclusão

Face às considerações tecidas no presente texto, conclui-se que a abordagem psicanalítica na orientação

profissional contemporânea, ainda se faça valer, tanto do ponto de vista da compreensão da problemática vocacional, como pelos alcances de sua intervenção. Para tanto, utilizamos em nosso auxílio uma concepção de subjetividade que, mesmo distante do caráter de interioridade apregoadado pela teoria freudiana, permite destacar o papel da linguagem em sua constituição. Ao se pensar o modelo clínico de base psicanalítica em suas aproximações com a Análise Institucional do Discurso, entende-se que a OP também possa se constituir como um espaço de produção de novos sentidos para crenças e discursos cristalizados, auxiliando o orientando, num movimento incessante de articulação entre o “dentro” e o “fora”, a tomar posição. Com isto, espera-se que ele possa se perceber e se autorizar como agente - e não somente mero espectador - tanto de sua própria história, como do contexto em que vive. Em última análise, o que nos parece como sendo a maior contribuição da psicanálise, e ainda nos dias de hoje, é seu ideal de provocar uma mudança na posição subjetiva: da condição de governabilidade à de autogoverno (Foucault, 2003). Nesse sentido, constitui-se como um exercício de cuidado de si, modificando a relação do sujeito com seus atos e com os outros, em busca de uma maior autonomia na assunção de suas escolhas e seu compromisso com a carreira, a vida e a coletividade.

Por fim, a considerar o crescente sentimento de desamparo suscitado pela incerteza crescente da sociedade “de curto prazo” em que vivemos, mais do que nunca, é preciso ter em mente uma prática de orientação em que a relação orientador-orientando possa acolher a angústia daí decorrente, transformando-a em estímulo para o trabalho de construção de projetos de vida, nos quais a relação com o outro e a preocupação com o bem comum também sejam considerados. A modalidade clínica psicanalítica de OP muito tem a contribuir nesse sentido.

Notas

1. Por formação discursiva entende-se “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiriam, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (Foucault, 2005, p. 133).
2. O leitor interessado pode consultar Guirado, M. (2006). *Psicanálise e análise do discurso: Matrizes institucionais do sujeito psíquico*. Ed.rev. e ampl., São Paulo: EPU. (Original publicado em 1995)
3. Referimo-nos aqui ao modelo de orientação e construção de carreira, formulado pelo grupo de pesquisadores do Life Design (Savickas, M. L. et al. 2012), o qual tem sido largamente difundido nos Estados Unidos, Europa e, ultimamente, também no Brasil. Apesar de não possuímos um conhecimento aprofundado deste modelo e de reconhecer distinções significativas (tanto em relação aos fundamentos teóricos, quanto à intervenção), permitimo-nos nele destacar alguns elementos que, ao nosso ver, resgatam pressupostos da teoria freudiana sobre a constituição da subjetividade (e, em paralelo, do modelo clínico de OP sobre os aspectos implicados na problemática vocacional). Assim, sem objetivar alongarmo-nos nesta discussão, tão somente apontar ressonâncias, assinalamos a importância atribuída à história de vida, aos ideais e às identificações na construção da carreira e da própria vida, como aspectos comuns em ambas as abordagens. Além disto, o foco na narrativa e no fato de que, ao construí-la o sujeito constrói a si mesmo, não deixa de lembrar a ênfase dada por Freud à linguagem.

Referencias

- Baudrillard, J. (2007). *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2009). *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bendassolli, P. F. (2006). *Os ethos do trabalho - sobre a insegurança ontológica atual com o trabalho*. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Birman, J. (2000). *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2006). Tatuando o desamparo. Em: Cardoso, M.R. (org.) *Adolescentes* (pp.25-43). São Paulo: Escuta.
- Birman, J. (2012). *O sujeito na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bohoslavsky, R. (1983). *Vocacional: Teoria, técnica e ideologia*. São Paulo: Cortez.
- Bohoslavsky, R. (1991). *Orientação vocacional: A estratégia clínica* (8ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1979).
- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Coutinho, M. C.; Krawulski, E.; & Soares, D. H. P. (2007). Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. *Psicol. Soc.*, 19, pp. 29-37.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto. (Original publicado em 1967).
- Di Caccia A. (2007) Inventar a psicanálise na instituição. Em: Associação do Campo Freudiano (org.). *Pertinências da Psicanálise Aplicada: trabalhos da Escola da Causa Freudiana* (pp.69-75). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Dias, M. S. L. (2009). *Sentidos do trabalho e sua relação com o projeto de vida de universitários*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.
- Duarte, M. E. (2011). Desaprender para ensinar os princípios (ou um outro modo de enfrentar a orientação). *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(2), 5-14.
- Foucault, M. (1999). *História da sexualidade I: A vontade de saber* (13ª ed.). Rio de Janeiro: Graal. (Original publicado em 1988).
- Foucault, M. (2000). *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola (Original publicado em 1970)
- Foucault, M. (2003). *Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2005). *A arqueologia do saber* (7ª ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária
- Freud, S. (1974). O mal estar na civilização. Em *Obras Completas* (v. XXI). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1930)
- Guirado, M. (2006). *Psicanálise e análise do discurso: Matrizes institucionais do sujeito psíquico*. Ed. rev e ampl. São Paulo: E.P.U.
- Guirado, M. (2010). *A Análise institucional do discurso como analítica da subjetividade*. São Paulo: Annablume.
- Jenschke, B. (2003). Orientación para la carrera: Desafíos para el nuevo siglo bajo una perspectiva internacional. *Orientación y Sociedad*, 4, pp.13-24.
- Jerusalinsky, A. (2000). Papai não trabalha mais. Em: Jerusalinsky, A. e col. *O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo*. (pp.35-49). Porto Alegre: Artes & Ofícios.
- Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago
- Lehman, Y. P. (2010) Orientação profissional na pós-modernidade. Em R. S. Levenfus & D. H.P. Soares (Orgs.), *Orientação vocacional ocupacional*. (pp.19-30). 2ª ed. Porto Alegre: ArtMed
- Lehman, Y. P., Silva, F. F., Ribeiro, M. A., & Uvaldo, M. C. C. (2011). Segunda Demanda-Chave para a Orientação Profissional: como ajudar o indivíduo a entender os determinantes de sua escolha e poder escolher? Enfoque psicodinâmico. Em M. A. Ribeiro & L. L. Melo-Silva (Orgs.), *Compêndio de Orientação Profissional e de Carreira*, Vol 1(pp.111-134). São Paulo: Vetor
- Levenfus, R. S. (1997). *Psicodinâmica da escolha profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Levenfus, R. S. (2010). Orientação Vocacional Ocupacional: abordagem clínica Psicológica. Em R. S. Levenfus & D. H.P. Soares (Orgs.), *Orientação vocacional ocupacional*. (pp.117-132). 2ª ed. Porto Alegre: ArtMed
- Lipovetsky, G. (2007). *A sociedade da decepção*. São Paulo: Manole.
- Matet, J., & Miller, J. A. (2007). Apresentação. Em: Associação do Campo Freudiano (org.). *Pertinências da Psicanálise Aplicada: trabalhos da Escola da Causa Freudiana* (pp.01-05). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Mezan, R. (2002). *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Muller, M. (2003). Subjetividad y orientación vocacional profesional. *Orientación y Sociedad*, 4, pp. 35-44.
- Osório, L. C. (1996). *O futuro da psicanálise*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Paladino, E. (2005). *O adolescente e o conflito de gerações na sociedade contemporânea*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Palmeira, C. G., Mayerhoffer, E. L., Mariz, N. N. & Cardoso, M. R. (2006). Desamparo e melancolia na adolescência contemporânea. Em: Cardoso, M.R. (org.) *Adolescentes* (pp.157-168). São Paulo: Escuta.
- Rascovan, S. (2005). *Orientación vocacional: una perspectiva crítica*. Buenos Aires: Paidós.
- Ribeiro, M. A. (2011). Enfoques teóricos em Orientação Profissional. Em: Ribeiro, M.A. & Melo-Silva, L.L. (orgs.) *Compêndio de Orientação Profissional e de Carreira*- volume 1 (pp.67-85). São Paulo: Vetor.
- Ribeiro, M. A., Lehman, Y. P. (2011). Algumas contribuições brasileiras para a Orientação Profissional. Em: Ribeiro, M.A. & Melo-Silva, L. L. (orgs.) *Compêndio de Orientação Profissional e de Carreira*- volume 2 (pp.53-97). São Paulo: Vetor.
- Ribeiro, M. A. (2014). *Carreiras: novo olhar socioconstrutivista para um mundo flexibilizado*. Curitiba: Jurúá
- Savickas, M. L., Nota, ... & van Vianen, A. E. M. (2012). Construção da vida: Um novo paradigma para compreender a carreira no século XXI. *Revista Portuguesa de Psicologia*. V. 42, pp. 13-44.
- Sennett, R. (2004). *A corrosão do caráter*. (8ª ed.) Rio de Janeiro: Record.
- Torres, M. L. C. (1998). O processo clínico de orientação profissional. *Rev. ABOP* 2(2), pp. 29-37.

- Torres, M. L. C. (2001). *Orientação profissional clínica: Uma interlocução com conceitos psicanalíticos*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Torres, M. L. C. (2002). Orientação Profissional Clínica: Uma contribuição metodológica. Em R. S. Levenfus e Dulce H.P. Soares (Orgs.), *Orientação Vocacional Ocupacional* (pp. 81-90). 1º ed. Porto Alegre: Art Med.
- Valore, L.A. (2012). O desamparo adolescente na adolescente contemporaneidade: Contribuições da orientação profissional. *Psicologia Argumento*, 30(68) pp.9-18
- Zorzan, F. S. & Chagas, A. T. S. (2014). Mídia e novas formas de subjetivação: discurso publicitário, consumo e novas configurações subjetivas na cultura pós-moderna. *Barbarói*, 40 (20), pp.200-221.

Fecha de recepción: 22/11/2014

Fecha de aceptación: 12/02/16